

## APRESENTAÇÃO

É sempre com a gostosa sensação de dever cumprido que fechamos mais um volume da nossa Revista. Neste caso, porém, a satisfação é ainda maior. Como vimos comentando nas apresentações dos demais números deste nosso Volume 7, desde o início de 2019, como resultado da onda ‘antigênero’ e ‘antifeminista’ que se espalha pelo país, enfrentamos o poder dos hackers da cibernética, que desbarataram nossos arquivos. Ao mesmo tempo, hackers anticiência e contra o ensino público de qualidade tentam bloquear nossa possibilidade de levar adiante um projeto de universidade capaz e comprometida com o desmonte das desigualdades sociais que caracterizam o país. Apesar desses poderes adversos, contudo, aqui estamos. E trazemos para nosso público leitor mais uma edição que, acreditamos, se traduz em uma contribuição de significância para os estudos feministas. Iniciamos a seção de “artigos” com o texto de Andrezza Luiza Batista e Lorena Vieira Costa, **Domicílios chefiados por mulheres e pobreza no Brasil: uma análise de 2011 a 2015**, que discute os dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios – as PNADs, revelando que os domicílios em questão nesse período não só cresceram bastante em números, como também estão dentre aqueles “mais prováveis de viverem em condição de pobreza”. E acrescentam que ter uma chefia feminina “eleva sua probabilidade de fazer parte dos 5% mais pobres do Brasil.” Tal realidade se torna ainda mais assustadora quando se leva em consideração as ameaças constantes contra o Programa Bolsa Família, por exemplo, responsável por assistir os moradores desses domicílios.

O artigo seguinte, **Gênero e Trabalho nas Organizações Internacionais: Uma Análise Comparativa dos Discursos do Banco Mundial e da OIT**, de autoria de Rani Santos de Andrade e Fernanda Matsuda, nos oferece uma comparação bastante oportuna e interessante sobre os paradigmas feministas presentes nos discursos dessas grandes agências internacionais. A análise em questão mostra que, embora entre as duas agências, a OIT esteja mais

próxima em seu discurso às perspectivas feministas, as duas ainda se distanciam, consideravelmente, das aspirações feministas no tocante a gênero e desenvolvimento, também em suas práticas.

Já o artigo de Gabriela Ferreira, Alicia Aparecida de Souza e Camila Silveira, sob o título **A Representação Feminina nas Ciências Exatas de uma Universidade Federal**, que vem a seguir, trata da temática da desigualdade de gênero no contexto das Ciências Exatas, identificando e analisando o “perfil profissional e os aspectos da carreira de mulheres da Química, Física, Matemática, Estatística, Informática e Expressão Gráfica de uma Universidade Pública Federal”. A análise aponta para a persistência do preconceito de gênero na Ciência, pelo menos nesse contexto, na medida em que as mulheres são minoria nas áreas estudadas, ocupando principalmente cargos intermediários da carreira docente, metade delas correspondendo a mulheres licenciadas.

Por fim, temos nessa seção o artigo de Aline Alves Veleza, Lidiellen Eich, Débora Fernandes Coelho e Alexandre Almeida, **Violência de Gênero no Seriado Marvel’s Jessica Jones: Contribuições da Mídia e da Cultura Pop no Combate da Violência Contra Mulheres**, discutindo como um “dispositivo midiático e de cultura popular” pode contribuir como meio de formação de opinião pública em prol da prevenção e enfrentamento da violência contra mulheres na sociedade. Não seria maravilhoso termos mais mulheres roteiristas envolvidas na produção de seriados populares?

Na seção de ‘Ensaio’, contamos neste número com a contribuição de Soraya Fleischer, Paula Viana e Júlia Morim, que nos trazem **Parteiras, “curiosas”, “leigas”, “tradicionais”, “domiciliares”, “não diplomadas”**: Uma sugestão de agenda de pesquisa. Encetando uma discussão sobre o “estado da arte” das pesquisas nessa temática, as autoras citadas nos apontam novas questões e novos caminhos que permanecem ainda a ser trilhados no sentido de

construirmos um conhecimento mais diverso bem como mais aprofundado, sobre essas práticas obstetrícias no país.

Segue-se, daí, a seção de “dossiês” que, nesta edição, nos brinda com mais uma coleção de artigos produzidos por discentes da disciplina oferecida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – PPGNEIM/UFBA, pelas Professoras Doutoras, Márcia Santana Tavares e Josimara A. Delgado Baour. Esse dossiê, denominado **Outras Molduras para Memórias e Narrativas**, tal como descortinado pelas organizadoras na sua apresentação, inclui oito artigos prenhes de memórias de toda sorte, algumas alegres outras doídas, revelando vidas de mulheres que constroem nossa história em diferentes rincões do nosso país. Vale a pena ler e viajar no tempo e no espaço com essas mulheres!

Fechando esta edição de nossa revista, temos **duas resenhas** que consideramos deveras relevantes. A primeira, do livro **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**, da celebrada Silvia Federici, elaborada por Carolina Cechella Philippi e, a segunda, de **Sangue Negro**, uma coletânea de poesias da escritora moçambicana Noémia de Sousa, elaborada por Fernanda Ely Borba e Teresa Kleba Lisboa. Por certo, essas duas resenhas nos deixam com vontade de comprar logo esses livros resenhados e cair na leitura!

Que esta nossa Apresentação também seja convidativa para vocês se embrenharem na leitura dos textos aqui contidos! E aqui contidos graças à colaboração de várias pessoas (autoras/es, pareceristas, alunas e alunos do PPGNEIM ‘formatadores/as’ dos textos, etc), para as quais vão aqui nossos mais sinceros agradecimentos.

*Equipe Editorial da Revista Feminismos: Márcia Santana Tavares, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Clarice Costa Pinheiro, Maise Zucco, Teresa Sacchet e Josimara Delgado.*